



Quando a morte e o luto se impõem como tema: atravessamentos no trabalho da Psicologia Escolar

Anamaria Rodrigues Resende de Sousa
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
São Paulo, 2021





SUMÁRIO

1	Introdução	2
2	A escola diante da concretude da morte e do luto infantil: relato de uma intervenção	5
2.1	Relato da intervenção com as crianças, professores e família	6
2.1.1	Encontro com as crianças	6
2.1.2	Encontro com as professoras	7
2.1.3	Encontro com a família enlutada	8
3	Reflexões à luz da literatura	9
4	Considerações finais	12
5	Referências	13



1 INTRODUÇÃO

Este artigo refere-se a uma contribuição proposta como finalização do Curso de Orientação à Queixa Escolar, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP. Todas as reflexões e apontamentos aqui tratados são norteados pelas concepções da Psicologia Histórico-Cultural, dentro de uma perspectiva crítica diante dos fenômenos que ocorrem nas instituições escolares.

Inicialmente, faz-se importante situar de onde partem as intervenções realizadas e aqui compartilhadas. Sou psicóloga escolar e atuo há 15 anos no Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI), que é um departamento da Secretaria de Educação de um município do interior de Minas Gêrias, situado na região do Triângulo Mineiro. O núcleo é composto por uma equipe interdisciplinar e o trabalho se realiza por meio de itinerância e visitas periódicas para assessoria às escolas e aos centros de educação infantil da rede municipal. As demandas de intervenção realizadas são as mais diversas, abrangendo tanto atendimento a queixas escolares, como também problemas de comportamento, bullying, conflitos interpessoais no ambiente escolar, articulação e interlocução com a rede de serviços do município, e outras ações preventivas e promotoras de saúde mental na escola.

A Psicologia Escolar no Brasil vem buscando cada vez mais a conquista de espaços que saiam da visão individualizante das queixas escolares para um olhar e uma intervenção de caráter institucional. Assim, vários pesquisadores e estudiosos vêm apontando caminhos para a ampliação e aperfeiçoamento de intervenções junto às escolas, com o intuito de problematizar e reverter funcionamentos institucionais produtores de fracasso escolar, ou seja, que envolvam em suas análises e ações toda a rede de um universo escolar mais abrangente, e como as relações entre seus integrantes se desenvolvem. (Souza, 2010, Patto, 1999, Kupfer & Souza, 2008). Ainda segundo Souza (2010), cada vez mais torna-se necessário desenvolver abordagens que superem as práticas tradicionais e que partem de uma concepção de indivíduo



abstrata, que frequentemente desconsidera seus pertencimentos sociais para além de seu grupo familiar.

Partindo dessa visão sobre o contexto e a dinâmica das escolas, este trabalho vem apontar a morte e o luto como temas que frequentemente também se apresentam como demanda de intervenção em instituições escolares, visto que estas constituem-se como ambientes que trazem a humanidade em si, com todas as adversidades e vulnerabilidades inerentes. Recentemente, um fato que causou extrema comoção foi o ocorrido em Suzano (SP), quando em uma manhã de março de 2019 um homem adulto e um aluno de 17 anos, invadiram uma escola estadual armados e atiraram contra alunos e profissionais, fato que resultou em 10 mortes e 11 pessoas feridas. Na ocasião, um grupo de professores, mestrandos e doutorandos da USP atuaram prontamente prestando atendimento emergencial aos funcionários, alunos e familiares da escola. Segundo a diretora do Instituto de Psicologia da USP, Marilene Proença, a área de Emergências e Desastres é uma vertente nova da Psicologia, que vem formulando práticas de acolhimento para situações dessa natureza. Ela enfatiza a importância da humanização das intervenções no ambiente escolar e da promoção de melhorias nos espaços de convivência nesse espaço que abriga relações tão plurais.

Fato anterior e semelhante a este se deu em Realengo, em abril de 2011, onde um ex-aluno adentrou sua antiga escola, matou e deixou feridos vários alunos que estavam ali presentes naquela manhã. Testemunhas e familiares indicaram em seus depoimentos que a motivação do crime provavelmente esteve diretamente relacionada ao bullying e humilhações sofridas em suas vivências escolares na adolescência.

A gravidade trágica de tais acontecimentos já vinha evidenciando a relevância de se considerar o tema da morte e do luto na Psicologia das queixas escolares. No momento atual, essa evidência vem ganhando força no triste cenário da Pandemia da COVID 19 no qual nos encontramos, que traz como consequência vivências de perdas de entes queridos do núcleo familiar bem como a orfandade, cujos números apontam para mais de 5 milhões de crianças e adolescentes em todo o mundo, segundo Estimativa do Imperial College (2021).

Pesquisas realizadas por especialistas dessa temática corroboram a ideias de que são inúmeros os dramas que se apresentam no âmbito escolar, onde crianças e jovens podem ter a morte em seu cotidiano pela perda de pessoas significativas, pela violência, por doenças e



também por mortes que ocorrem nas próprias instituições escolares, conforme nos aponta Maria Júlia Kovács (2012), coordenadora do Laboratório de Estudos sobre a Morte da USP. Suas pesquisas e intervenções mostram que a frequência com que esse tema surge no cotidiano escolar indica a necessidade de se oferecer subsídios aos educadores para que possam abordar essa questão na escola. Segundo ela, muitos professores gostariam que especialistas pudessem orientá-los sobre essa abordagem, sendo primordial potencializar suas ações diretamente com seus alunos, reassegurando a eles que “pela sua convivência diária com as crianças, têm conhecimento de suas reações e atitudes e podem ser referência para elas nestes momentos de dor e sofrimento.” Kovács (2012).

Partindo do panorama aqui delineado, o trabalho relatado neste artigo descreve uma experiência onde se precisou intervir frente a um luto vivido de forma coletiva em uma escola municipal. Percebe-se que falar sobre a morte é ainda um tabu entre muitas famílias e na escola não é diferente. Em pesquisa bibliográfica de artigos e relatos científicos, constata-se que há uma escassez de material acerca dessa temática, o que indica a necessidade de publicações que contribuam para ações coerentes e repletas de sentido que possam subsidiar as intervenções.

Desta forma, é notória a importância de trabalhos que partilhem experiências baseadas nessa temática, que possam lançar luzes sobre a atuação de psicólogos que lidam com queixas escolares, principalmente com o advento da Pandemia, que irá nos marcar para sempre.



2 A ESCOLA DIANTE DA CONCRETUDE DA MORTE DE DO LUTO INFANTIL: RELATO DE UMA INTERVENÇÃO

Desde março de 2020, quando se instalou no panorama mundial a pandemia da COVID 19, as aulas presenciais foram subitamente suspensas e toda a configuração escolar precisou ser revista e adaptada, através de atividades remotas, aulas online, elaboração de apostilas e atividades didáticas, entre tantas outras reestruturações cabíveis em cada realidade no Brasil e no mundo. Após um período que ultrapassou longos 18 meses, foi organizada em muitos Estados e municípios a retomada gradual das aulas presenciais.

Neste contexto, a escola em questão solicitou auxílio do NAI para avaliar e intervir frente a algumas dificuldades escolares percebidas neste processo de readaptação de algumas crianças. É uma escola pequena, situa-se em um bairro periférico da cidade, atende crianças de pré-escolar ao quinto ano do Ensino Fundamental, num total de 156 alunos matriculados.

Iniciou-se então um processo de interlocução com a equipe escolar, por meio de visitas, observações em sala de aula, entrevistas em uma perspectiva de avaliação qualitativa sobre os processos de ensino-aprendizagem para respaldar posteriores discussões e orientações necessárias.

Este trabalho, porém, foi duramente atravessado por um acontecimento trágico: a morte violenta de uma aluna do quarto ano do Ensino Fundamental 1. A menina de apenas 9 anos foi brutalmente assassinada por um jovem usuário de drogas, após ser abordada por ele quando voltava sozinha de uma panificadora próxima à sua casa. Esse fato estarrecedor ocorreu a duas quadras da escola, e foi amplamente repercutido em mídias sociais, jornais e TV. Destaca-se que o jovem era também morador do bairro, vizinho da criança e de muitos outros alunos e professores da escola, o que tornou o fato ainda mais impactante para toda a comunidade escolar.



Diante disso, uma questão ética e de compromisso social foi colocada como desafio à atuação do psicólogo naquele momento: Como dar continuidade ao trabalho sem colocar como prioridade o amparo e acolhimento a todas essas pessoas?

Dois dias após o ocorrido, foi realizada uma visita à escola, como forma de prestar condolências pela perda sofrida, e oferecer escuta e acolhimento à direção da escola nesse enfrentamento, além de ofertar um auxílio para os profissionais, alunos e familiares. Nessa ocasião, a diretora relatou que apesar de saber que seria necessário conversar com os alunos e professores sobre o que havia acontecido, não sabia como fazê-lo, e “na falta de saber o que dizer, não disse nada” (sic). Assim, as aulas transcorriam normalmente naquela manhã.

Acreditando que a Psicologia Escolar precisa exercer uma atuação contextualizada e comprometida com a comunidade escolar, foram pensadas e planejadas ações de intervenção que fossem de encontro às necessidades emergentes naquele momento.

2.1 Relato da intervenção com as crianças, professores e família:

2.1.1 Encontro com as crianças:

O objetivo da intervenção com as crianças da turma enlutada foi o de propiciar um rito de despedida, um momento simbólico onde as crianças pudessem expressar seus sentimentos e pensamentos em relação à morte da coleguinha. A intervenção foi cuidadosamente planejada pela psicóloga e pela psicopedagoga do NAI e dividida em três momentos:

Primeiro momento: Roda de contação de história, onde o tema “morte” foi abordado juntamente com a participação da professora. Para tanto, foi escolhida uma obra literária do escritor infantil Todd Parr intitulada “O livro do Adeus”, que traz uma comovente e ao mesmo tempo esperançosa história sobre a difícil tarefa de dizer adeus a alguém que se foi. Durante a leitura e apresentação da história, foi dado espaço para comentários, perguntas, lembranças e outras expressões afetivas suscitadas pelo tema.

Aos poucos, as crianças foram dando o tom da conversa, relacionando a perda da colega com outras vivências emocionais dolorosas, como morte de animalzinho de estimação, separação dos pais, morte de avós, mudança de escola.



Segundo momento: Foi proposto às crianças que escrevessem cartinhas de despedida para a colega, que expressassem algo que estavam sentindo naquele momento e que gostariam de dizer a ela caso tivessem oportunidade. Chamou atenção o modo como se esmeraram na confecção das cartinhas, escolhendo suas cores preferidas, caprichando no traçado da letra, pensando atentamente sobre quais palavras usar para expressar a emoção. Aproximavam-se dos adultos ali presentes, comentando ou fazendo questionamentos: “Você acha que a L. ia gostar da minha carta?”; “Olha, eu desenhei a minha carteira perto da dela.”; “Eu não conversei muitas vezes com ela, mas ela era legal.”; “Eu queria ter brincado mais com a L.”; “Por que será que existem adultos tão maus?”.

Terceiro momento: As cartinhas foram então colocadas em uma caixa e as próprias crianças decoraram seu exterior, com pequenos desenhos coloridos e recortes feitos por elas. Foi feito o compromisso de que a caixinha seria entregue à família da coleguinha, em uma visita domiciliar.

2.1.2 Encontro com as professoras:

A intervenção com as professoras foi realizada por meio de uma roda de conversa, com o objetivo de também oferecer um espaço de escuta e acolhimento para a expressão de sentimentos suscitados pela experiência que estavam vivendo. Foi um momento de enorme sensibilização, em que manifestaram identificação com familiares da aluna, lembranças de lutos pessoais dolorosos vivenciados ao longo da vida e sentimentos de pesar e profunda comoção pelo ocorrido. Também compartilharam lembranças de familiares que morreram por COVID nos últimos meses.

Alguns posicionamentos pessoais também foram observados, por exemplo quando uma professora censurou a outra por chorar, dizendo que “temos que seguir a vida, que não podemos ficar chorando e voltando na lembrança da morte.” (sic)

Uma outra professora, do quinto ano, mostrou-se bastante emocionada durante toda a conversa, chorou muito e disse que se sentia engasgada durante a aula, e que este era um momento em que ela sentia que poderia desabafar um pouco, falar do que estava sentindo. Relatou uma história pessoal vivida na infância, bastante significativa, em que perdera a



irmãzinha em um acidente e mostrou-se extremamente identificada com o irmão de L., seu aluno. Neste momento foi pontuado a ela que esse sentimento gerava uma empatia fundamental para o acolhimento à dor do irmão de L., quando este retornasse às aulas presenciais.

Outras professoras expressaram, assim como a diretora, sua dificuldade em falar no assunto com seus alunos e responder a seus questionamentos, inseguras sobre uma forma mais adequada de abordagem. Como essa demanda já havia sido levantada pela diretora, produzimos um material contendo orientações e entregamos a cada uma delas, para respaldar e subsidiar suas ações.

2.1.3 Encontro com a família enlutada:

Oito dias após o falecimento, foi realizada uma visita domiciliar à família da criança, juntamente com a diretora da escola e a psicopedagoga do NAI. A mãe e a avó da menina receberam a caixinha com as cartinhas dos colegas e se emocionaram ao relembrar fatos marcantes de sua história de vida e situações escolares vividas na escola desde o pré-escolar. Foi assegurada a oferta de escuta e acolhimento psicológico de suporte se necessário e também a possibilidade do encaminhamento para atendimento clínico na área de saúde, caso precisassem.



3 REFLEXÕES À LUZ DA LITERATURA

Percebe-se que na sociedade atual, as concepções de infância evidenciam os aspectos positivos da vida infantil, tais como a diversão e o prazer, deixando em lugar de menor destaque o espaço para tratar de perdas, frustrações e lutos. Porém, vivências de luto por morte de avós, animais de estimação, separação de pais, mudança de cidade entre outros eventos, também fazem parte da existência da criança e podem provocar sofrimento e muitas vezes implicam na necessidade de reformulação parcial ou total da vida da criança. (Giaretton *et al.*, 2020).

Tais reflexões apontam para a importância de auxiliar a criança na elaboração desses lutos, e os adultos à sua volta tornam-se figuras primordiais nesse processo. Legitimar o que a criança está sentindo, ajudar a nomear emoções e validá-las é também uma importante forma de colaborar, e apesar de haver poucos estudos relacionando o luto e educadores, nota-se que o professor é alguém próximo que pode ajudar a criança a lidar com algo tão desconhecido e temido, como é a morte. (Kovács, 2012). Os apontamentos mencionados cabem bem à situação aqui descrita, e destaco a figura do professor e do vínculo significativo que pode existir entre este e seus alunos, podendo valer-se desta vinculação para oferecer uma escuta acolhedora e cuidadosa, onde lembranças possam ser ressignificadas e a dor possa ser compartilhada com o suporte afetivo de um adulto, no próprio espaço da sala de aula.

Porém, conforme nos aponta Paiva (2011) em seus estudos sobre o tema, muitas vezes o adulto pode adotar uma atitude de silenciar a criança, na tentativa de buscar protegê-la do desconforto e da ansiedade que o assunto pode provocar, porém, a autora sinaliza que ao tentar proteger a criança, observa-se no adulto a intenção primeira de proteger-se, em sua dificuldade de entrar em contato com o tema.

Se a escola é um espaço onde se discutem tanto as questões cotidianas da ética e cidadania, questionando a violência... não seria esse um espaço também para se falar da morte? (Paiva,2011, pág. 37)



Considerar o contexto onde os alunos vivem e convivem também é tarefa do professor engajado com o compromisso social de seu trabalho educacional. Importante pensarmos a respeito das palavras de Paulo Freire quando, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, destaca que:

“... as condições materiais em que e sob que vivem os educandos lhes condicionam a compreensão do próprio mundo, sua capacidade de aprender, de responder aos desafios. Preciso, agora, saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica. Preciso tornar-me (...) menos estranho e distante dela.” (página 155)

Mais à frente, reforça o seu ideal de humanidade e inteireza que permeia a figura do professor:

“E porque lido com gente, não posso (...) recusar minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno. Desde que não prejudique o tempo normal da docência, não posso fechar-me a seu sofrimento ou à sua inquietação porque não sou terapeuta ou assistente social. Mas sou gente.” (página 163)

E se não dá para deixar de olhar para o contexto onde a escola e os alunos estão inseridos, também não se pode fechar os olhos para a problemática tão complexa que se apresenta neste momento, que é a Pandemia da COVID 19. Os dados atualizados até o momento apresentam índices desoladores, sendo que o número de óbitos já ultrapassou 610 mil, conforme informações oficiais do boletim informativo do portal da Fiocruz (2021).

Estima-se que 5 milhões de crianças e adolescentes (até 18 anos) em todo o mundo tenham perdido pai, mãe, ambos ou ainda algum avô ou avó responsável por sua criação, desde março de 2020. Juliette Unwin, pesquisadora da Escola de Saúde do Imperial College afirma que “infelizmente, o aumento de casos e mortes resulta em aumento no número de órfãos. A pandemia invisível da orfandade no mundo terá um sério impacto a longo prazo nas crianças das próximas gerações”.

No meio educacional alguns fatores preocupantes já vêm sendo apontados como evasão escolar, crianças órfãs de pai mãe ou ambos, que terão suas vidas reconfiguradas de uma forma bastante significativa. Fica evidente, portanto, a importância de se pensar em alternativas para que crianças e adolescentes possam ser amparados no enfrentamento de suas



perdas pelas pessoas que constituem sua rede de cuidados, tanto em seu ambiente familiar como também no contexto da escola.

Diante desse grande desafio, o papel do Psicólogo Escolar emerge com um grande compromisso social. A psicologia aponta esperanças, caminhos e este profissional se torna valioso diante das possíveis mediações que ele pode realizar, oferecendo suporte ao trabalho da equipe escolar através da sensibilização para com a vulnerabilidade dos alunos neste momento de retorno às aulas e pela instrumentalização da escola, para que baseado nos vínculos consigam também intervir diante dessas situações e outras que surgirem.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Marilene Proença, escolas constituem-se em espaços pedagógicos que apresentam elementos importantes como estruturantes do psiquismo e promotor de relações mais saudáveis. Apesar de todo esse potencial, momentos de escuta e acolhimento normalmente não são priorizados na rotina escolar, pois evidencia-se o cumprimento do currículo acadêmico e dos conteúdos didáticos, muitas vezes desvinculados de sentido para as crianças.

Nas reflexões deste trabalho, conclui-se que a escola se tornou um espaço privilegiado para que todos os envolvidos se fortalecessem juntos diante da perda dolorosa vivida coletivamente. Na situação descrita, o ambiente escolar continha, em si, muitos elementos favoráveis para que se iniciasse ali um processo de elaboração. Nesse sentido, a figura do psicólogo surge para entrelaçar os envolvidos e oferecer um espaço de escuta e diálogo, buscando o cuidado e a promoção da saúde mental.

Espera-se que este relato de experiência possa lançar luzes sobre as inúmeras possibilidades que a psicologia escolar tem para intervir em situações dramáticas e de crise, apresentando primeiros cuidados em psicologia, promovendo saúde e instaurando a esperança através do encontro.



5 REFERÊNCIAS

“AS relações sociais precisam de muita atenção, já que a sociedade está se desumanizando”.

Jornal da USP. 11 de mar. de 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/instituto-de-psicologia-da-usp-atendera-vitimas-da-escola-em-suzano/>

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Disponível em: Site: <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19>, acesso em 12-11-2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GIARETTON, D. W. L.; OLESIAK, L. R.; MÜNCHEN, M. A. B.; QUINTANA, A. M. A escola ante a morte e a infância: (des)construção dos muros do silêncio. **Rev. Bras. Educ.** [online].2020,vol.25,e250035.Epub 26-Ago-2020.ISSN1809-449X. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FJ3gwgKxR4Cbks8tNkG8tD/?lang=pt>. Acesso em 26 de outubro de 2021.

KOVÁCS, M. J. A morte no contexto escolar: desafio na formação de educadores. Em M. H. P. Franco (Org.), **Formação e rompimento de vínculos: O dilema das perdas na atualidade.** São Paulo, Summus, 2010.

KOVÁCS, M. J. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012: 71-81.

KOVÁCS, Maria Júlia. Maria Júlia Kovács fala sobre morte e luto em tempos de pandemia [Entrevista]. **Programa Diversidade em Ciência** [S.l: s.n.], 2021. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003031999>. Acesso em 01 de novembro de 2021.



KUPFER, Maria Cristina Machado; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. O que toca à/a psicologia escolar. In: **Psicologia escolar: em busca de novos rumos**[S.l: s.n.], 2008.

PAIVA, L. E. **A arte de falar da morte para crianças: A literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores**. Aparecida-SP: Editora Ideias & Letras, 2011.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

SOUZA, B. P. (org) **Orientação à Queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SOUZA, B. P. **Apresentando a orientação à queixa escolar**. In: SOUZA, B. P. (Org). **Orientação à Queixa Escolar**. 2aEd. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

SOUZA, M. P. R. **A queixa escolar e a formação do psicólogo**. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1996.

SOUZA, M. P. R.; Silva, S. M. C.; Yamamoto, K. **Atuação do psicólogo na educação básica: concepções, práticas e desafios**. Uberlândia: EDUFU, 2014.